

execuções sumárias sofridas pelos guerrilheiros. O ex-militar contou ao procurador Adrian Pereira Ziembra ter visto a chegada, na base militar, de *Áurea Eliza Pereira Valadão*, 24 anos.(...) Conforme Ferreira, *Áurea* foi torturada durante todo um dia e uma noite. No dia seguinte, os militares a colocaram num helicóptero e ela nunca mais foi vista".

O relatório já mencionado, produzido em 28/01/2002 por quatro procuradores do Ministério Público Federal que visitaram a região, reforça a mesma informação: "*Áurea: Áurea Eliza Pereira Valadão, presa, junto com Batista, na casa de uma moradora da região, onde iam comer diariamente. Teria sido levada para a base de Xambioá, onde foi vista*".



DANIEL RIBEIRO CALLADO (1940 - 1974)

Número do processo: 185/96

Filiação: América Ribeiro Callado e Consueto Ferreira Callado

Data e local de nascimento: 16/10/1940, São Gonçalo (RJ)

Organização política ou atividade: PCdoB

Data do desaparecimento: 28/06/1974

Data da publicação no DOU: Lei nº 9.140/95 - 04/12/95

Operário metalúrgico, fluminense de São Gonçalo, concluiu aos 16 anos o curso de ajustador no SENAI e iniciou a vida profissional trabalhando na empresa Hime, hoje incorporada ao grupo Gerdau, naquela cidade. Convocado para o serviço militar no Exército, continuou exercendo sua profissão naquela Arma, de onde requereu baixa como 3º sargento. A seguir, foi trabalhar nos estaleiros Cacrem e abandonou o emprego em 06/04/1964, devido à perseguição política desencadeada pelo regime militar. Havia ingressado no PCdoB em 1962. O Relatório do Exército, de 1993, registra que "*esteve na China, provavelmente realizando curso de guerrilha*".

Não existem informações sobre o ano em que se deslocou para o Araguaia, onde ficou conhecido como Doca e possuía, em sociedade com Paulo Rodrigues, um barco a motor, o "Carajá", utilizado para comercializar roupas e utensílios diversos junto à população ribeirinha. No relatório do Ministério da Marinha, de 1993, constam as seguintes informações sobre Daniel: "*Participou de greves, campanha de eleição sindical, comícios, ato no Rio em homenagem aos chineses, passeatas e comício durante a revolução em Niterói. Foi cursar guerrilha na China, passando pela URSS e Thecoslováquia. Participou do destacamento de subversivos em Esperancinha, Gameleira, Pau Preto, tendo se dispersado do grupo foi preso em Araguaína (...) Morto em 28 JUN 74*".

Nos primeiros meses de 1974, chegou a ser visto em três oportunidades na prisão, por Amaro Lins, conforme depoimento prestado no 4º Cartório de Notas de Belém (PA). Amaro disse que viu Daniel e que ele estava bem de saúde. Na terceira vez que o viu, Daniel estava sendo conduzido por um soldado. O soldado lhe disse que Daniel faria uma viagem de avião, sem dizer para onde. Na mesma época, uma moradora de Xambioá viu Daniel preso, com o pé machucado, na Delegacia da cidade. Depoimento de Joaquina Ferreira da Silva, para a Delegacia de Polícia de Xambioá, TO, em 29/04/91, informa sobre a morte de João Carlos Haas Sobrinho e que na mesma ocasião de seu sepultamento, foram enterrados os corpos de Daniel Ribeiro Callado e mais um homem.

No livro *Operação Araguaia*, de Tais Morais e Eumano Silva, está publicada uma foto, em que, segundo os autores, Daniel, aparece agachado ao lado do sargento Santa Cruz, tido como dos mais truculentos militares que atuaram na repressão aos guerrilheiros. Os jornalistas acrescentam mais informações sobre Daniel: "*Bom de bola, montava times de futebol por onde passava. Em Rondonópolis (MT), fez parte da equipe campeã de um torneio amador em 1966. Teve na cidade uma oficina junto com Libero Giancarlo Castiglia, o Joca. Doca fez muitos amigos entre os moradores do Araguaia. Quando começou o confronto, conhecia a região como poucos companheiros. Pertenceu ao Destacamento C. Preso pelo Exército, apanhou muito e foi levado de um lado para outro na mata pelos militares*".

Elio Gaspari também menciona a foto de Doca quando discorre sobre as recompensas em dinheiro pela caçada de guerrilheiros: "*Pela narrativa de um morador, a oferta de dinheiro era suficiente para enricar. Pelo menos dois sargentos com anos de serviço na selva (um com curso*

no Panamá) ficaram no Araguaia caçando guerrilheiros. Um deles seguiu para sudoeste e capturou dois fugitivos. Estabeleceu-se na região, onde obteve terras. O guerrilheiro Doca (Daniel Ribeiro Callado) foi fotografado na companhia do ex-sargento João Santa Cruz, na mata, ao lado de uma pequena cachoeira. Está agachado, com as mãos e os pés livres, na posição de quem compõe uma cenda".

Em março de 2004 a revista *Época* publicou reportagem assinada por Leandro Loyola, que ouviu soldados relatando episódios da guerrilha: "...o operário carioca Daniel Ribeiro Callado, o Doca, havia chegado vivo à base de Xambioá. Ele acabou sendo um dos prisioneiros mais duradouros do Exército. Preso em janeiro de 1974, entre maio e junho ele foi visto amarrado a uma cama de campanha na base. A foto no alto desta página, que mostra Doca ao lado do sargento Santa Cruz (um dos maiores algozes do Araguaia), confirma: ele foi usado pelos militares para apontar esconderijos de armas e suprimentos. 'O Doca saía de helicóptero com eles de manhã e só voltava no final do dia', conta o soldado Josean Soares. Ele conversava com Doca durante a noite, quando conseguia bananas roubadas para o preso, que estava muito fraco. (...) Enquanto o soldado esteve em missão na base, Daniel passou mais de dez dias preso. Quando veio pela primeira vez, estava de calça e sem camisa, coberto de picadas de mosquito. Recebeu uma camiseta e uma calça camuflada. Perambulou pela mata durante meses. Não se sabe onde foi morto ou enterrado".

O Dossiê Araguaia, que teria sido escrito por militares participantes do combate à guerrilha, indica como data da morte 14 de março de 1971, de acordo com Hugo Studart em *A Lei da Selva*.



DINALVA OLIVEIRA TEIXEIRA (1945–1974)

Número do processo: 049/96

Filiação: Elza Conceição Bastos e Viriato Augusto de Oliveira

Data e local de nascimento: 16/05/1945, Castro Alves (BA)

Organização política ou atividade: PCdoB

Data do desaparecimento: julho de 1974

Data da publicação no DOU: Lei nº 9.140/95 – 04/12/95

Conhecida no Araguaia como Dina, cercada de fama legendária, Dinalva era baiana de Castro Alves. Coursou o primário na Escola Rural de Argoim e mudou-se para Salvador, cursando o ginásio no Instituto de Educação Isaias Alves, por onde também passaram Anísio Teixeira e Milton Santos. Completou o ensino médio no Colégio Estadual da Bahia e se formou em Geologia pela Universidade Federal, em 1968.

Durante o curso universitário, morava na Casa do Estudante e participou ativamente do Movimento Estudantil em Salvador, em 1967 e 1968, como representante da Residência Universitária Feminina, época em que foi presa, mas solta logo a seguir. Era militante do PCdoB. Nesse período, conheceu Antônio Carlos Monteiro Teixeira, seu colega de turma, também do PCdoB, com quem se casou em 1969. Naquele ano, o casal foi morar no Rio de Janeiro e trabalharam ambos no Departamento Nacional de Produção Mineral, do Ministério de Minas e Energia, participando também de atividades na SBPC.

Em maio de 1970, foram deslocados para a região do Araguaia, onde Dinalva atuou como professora, parteira e chegou a ser vice-comandante do Destacamento C, única mulher da guerrilha a alcançar um posto de comando. Conforme registrado anteriormente, quando tiveram início os choques armados, em abril de 1972, o casal já estava separado e tinha nascido um novo relacionamento entre ela e Gilberto Olímpio Maria, morto no Natal de 1973. Dina destacou-se por sua habilidade militar ao escapar de ataques inimigos e participar de várias ações armadas, sendo ferida em uma delas. Era tida como exímia atiradora. Sobreviveu ao ataque do Natal de 1973, mesmo enfrentando grave surto de malária.

Em *A Lei da Selva*, Hugo Studart descreve o primeiro desses combates, que chegaram a produzir a lenda de que Dina era capaz de se transformar em borboleta: "A lenda nasceu a partir de episódio ocorrido em 20 de setembro de 1972, quando houve um combate com uma patrulha de oito pára-quedistas do Exército, comandada pelo então capitão Álvaro de Souza Pinheiro, mais tarde promovido a general, e filho do general Ênio de Souza Pinheiro, ex-chefe da Agência Central do Serviço Nacional de Informações (SNI), primeiro comandante da Escola